

O PONTO FINAL

GONTIJO DE ALBUQUERQUE

Fausto Albuquerque Mendes

Escola de Engenharia

O anúncio no jornal dizia: «Comparecer depois das dezoito horas munido de todos os documentos, favor apresentar este anúncio».

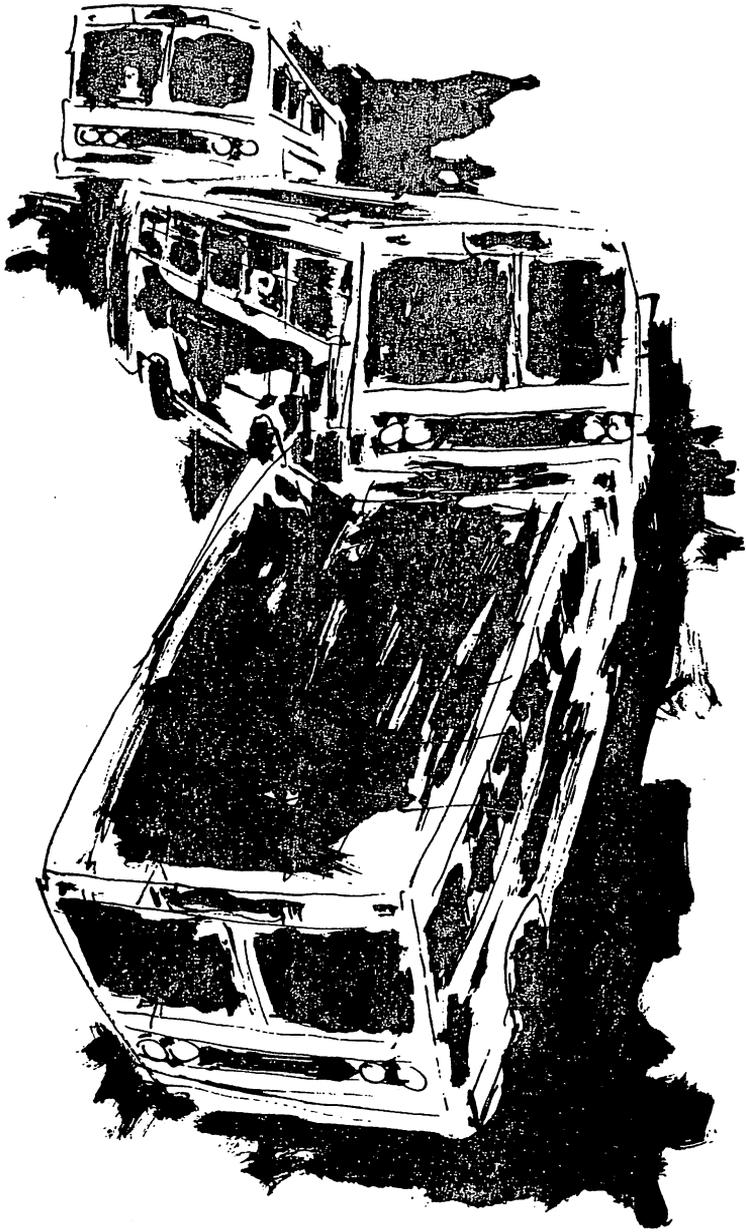
A firma ficava num bairro distante de sua casa, melhor dizendo, ele teria de atravessar a cidade todos os dias se realmente conseguisse o emprego, mas não importava, uma vez que a oferta era até certo ponto tentadora. Além disso, sua situação no momento não permitia vacilações diante de oportunidade como esta.

Era já noite quando ele tomou o ônibus que o levaria ao bairro indicado no anúncio. Devido ao horário de grande movimento, o ônibus já estava lotado e ele, por sorte, conseguiu um lugar sentado no último banco. Pediu logo a um sujeito ao seu lado que lhe informasse a que altura do trajeto deveria descer para chegar no tal endereço.

Com desânimo, ficou sabendo que, para chegar no lugar anunciado, teria que descer no ponto final e andar «mais três quarteirões pra frente».

Bom — pensou — pelo menos poderei viajar sentado o tempo todo. Consolou-se.

O tempo foi passando e o ônibus foi-se esvaziando aos poucos, a cada parada, já que ninguém mais o tomou durante o percurso.



Helvio
1980

«Deve faltar pouco agora», ele pensou ao ver sentados à sua frente apenas quatro passageiros além do motorista e do trocador.

Mais uma parada e menos dois passageiros.

Resolve passar pela roleta e sentar-se junto à janela, enquanto o ônibus, a uma velocidade moderada, vai entrando numa rua e dobrando outra, num percurso totalmente alternado.

Outra parada e os últimos passageiros desembarcam, restando agora ele, o trocador e o motorista, mas a viagem continua e a monotonia do ônibus vazio o faz cochilar no banco junto à janela aberta e o ar puro da noite suburbana mal iluminada.

Passam-se vários minutos e uma curva fechada o faz erguer a cabeça como se estivesse despertando de um sono superficial e, olhando o relógio, nota que já se passaram mais de duas horas desde o momento em que tomou o ônibus e no entanto, ainda continua varando ruas, sem saber em que ponto do itinerário está e nem quando vai chegar.

Resolve então perguntar ao trocador quanto tempo ainda falta, quando percebe que não há mais trocador nem motorista a bordo.

Mas o ônibus nunca pára e na mesma velocidade do início da viagem, vai entrando e saindo em ruas, parecendo percorrer um infundável labirinto noite adentro.

E como o bairro era totalmente estranho para ele, teve receio de puxar a campainha e o ônibus parar e ele ter de descer ali e ficar perdido, sozinho na escuridão da noite naquela região deserta que passava pelos seus olhos através da janela.

Decidiu então arrebentar o cordão da campainha para que tal coisa nunca viesse a acontecer e, sentindo-se mais seguro, voltou para o seu lugar junto à janela, ficando a contemplar a escuridão lá fora, agora convicto de que nada mais o ameaçaria.